

Elementos visuais: proposições e percepções nas aulas de Arte

*Visual elements: propositions and perceptions
in the Art classes*

LUCIANO CARMO DE OLIVEIRA*

Artigo completo submetido a 7 de maio de 2015.

*Brasil, Artista visual, pesquisador e professor de arte no ensino fundamental, médio e universitário, em colégios particulares e na rede estadual do Estado de São Paulo. Mestre em artes visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Especialização em Linguagens da arte no CEUMA (Centro Cultural Maria Antonia, FE-USP). Graduado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e graduação em pedagogia pelo Centro Universitário FIEO.

AFLIAÇÃO: Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, Departamento de Pedagogia e Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo. Estrada da Aldeinha, 245 — Jardim Marilu — Carapicuíba — São Paulo CEP 06300-00 Brasil. E-mail: lucianocarmo@falc.edu.br

Resumo: O artigo consiste em relacionar reflexões e resultados visuais obtidos com os alunos e alunas do 2º Ano do Ensino Fundamental e mostrará como os elementos visuais foram apresentados por meio de diálogos, leituras de imagens e produção autônoma buscando a ampliação da bagagem cultural. Indicará como a prática do ensino da arte tem importância na escola e no entendimento da cultura visual contemporânea e também como há relação direta com a fenomenologia da percepção proposta pelo autor Maurice Merleau-Ponty.

Palavras-chave: artes visuais / percepção / expressão.

Abstract: *The article aims to relate reflections and visual results with students of 2nd year of elementary school and will show how the visual elements were presented through dialogue, image reading and autonomous production seeking the expansion of cultural awareness. It will point out how the practice of art education is important in school, including the understanding of contemporary visual culture, and, as well, as there is a direct relationship with the phenomenology of perception from Maurice Merleau-Ponty.*

Keywords: *visual arts / perception / expression.*

Introdução

A sequência didática: "Elementos visuais: proposições e percepções nas aulas de Arte", etapa inicial para o ano de 2015. Ajudou a conhecer e reconhecer os alunos e alunas do 2º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre Antonio de Oliveira Godinho, localizada em Carapicuíba (região metropolitana do estado de São Paulo), com altos índices de violência, desigualdade social problemas de urbanização.

Introduzimos conceitos e experiências ligadas à sintaxe da linguagem visual pela prática perceptiva dos elementos visuais (ponto, linha, forma, cor e textura) acompanhadas de conversas, apreciação, produção e relação com a Fenomenologia da Percepção.

Os resultados obtidos ressaltam a importância das aulas de arte na escola, a potência criadora e criativa da expressão individual e coletiva.

1. Conhecer e reconhecer: o eu, o outro, a percepção e a arte

A criança do século XXI é um sujeito singular! Traz consigo uma energia potente! Vivemos um tempo complexo e mudanças estruturais nas escolas são necessárias. Buscamos perceber da vida, os sujeitos e a sociedade. Nós professores somos parte do processo de compreensão do mundo.

Cada dia de aula é um novo desafio, temos que repensar frente as dificuldades sociais, culturais e econômicas que estamos inseridos. Instigar nossos alunos ao conhecimento como primeira tarefa a ser desenvolvida, mas mostra-se uma tarefa árdua.

Saber lidar pedagogicamente com esta geração não basta, buscamos além das teorias do bem ensinar e práticas relacionada a construção do sujeito autônomo. Estamos sempre atentos às crianças e receptivos ao diálogo para crescerem com consciência crítica, para conhecer o mundo e as coisas, mas com olhar sensível, ético e cidadão.

"O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas" (Merleau-Ponty, 1994: 6).

Ao propor o estudo da arte com ênfase na fenomenologia da percepção lançamos a tarefa de afetar e sermos afetados. Pôr-se a frente de desafios inicialmente nebulosos, mas respaldados na prática artística experiências para de conhecer a si, o outro e o que há no mundo.

Ao abrir os nossos olhos para o cotidiano buscamos experiências humanas individuais e universais.

A arte é uma dessas coisas que, como o ar ou o solo, estão por toda a nossa volta, mas que raramente os detemos para considerar. Pois a arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Florença e Roma. A arte, seja lá como a definimos, está presente em tudo que fazemos para satisfazer nossos sentidos (Read, 2001: 13)

Quando relacionamos a percepção na educação desafiamos nossos alunos a aprender para o além do contexto histórico e bibliográfico. Conduzimos o caminho na prática experimental e da compreensão das funções da arte para humanidade.

Um objeto é um organismo em cores, de odores e sons, de aparências táteis que se simbolizam e se modificam uns aos outros e concordam uns com os outros segundo a lógica real que a ciência tem por função explicitar, e da qual ela está muito longe de ter acabado a análise (Merleau-Ponty, 1994: 68).

Perceber o eu, o outro, os elementos visuais, do entorno mobiliza a construção das proposições artísticas. “A percepção de sim mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana” (Ostrower, 1977: 10), ou seja: permite criar saberes significativos norteados ao conhecer, reconhecer e aprender para além da teoria.

“O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (Ostrower, 1977: 9). Para que haja concretização deste caminho com alunos dialogam a necessidade de expressão, condição humana através das relações formais e conceituais no fazer artístico.

A percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender, portanto corresponde a uma ordenação seletiva de estímulos e cria uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos. Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro de nós nos conhecemos. Articula o nosso ser dentro do não ser (Ostrower, 1977: 13).

A arte configura-se como área especial do conhecimento, indica constitui a construção experimental como meio expressividade e criatividade.

2. Perceber, criar e apreciar: proposições com os elementos visuais

Nas aulas nos deparamos com factos e ações que parecem reproduzir a burocracia do mundo. O sistema educacional brasileiro traz questões nebulosas, qualifica e exige aplicação da proposta curricular, mas limita recursos materiais para

os alunos o que não oportuniza a igualmente ao acesso da produção, apreciação e reflexão da arte.

É uma triste constatar esta realidade. Políticas públicas deficitárias. Lutamos pelo de ofício de ensinar, deixamos os problemas de lado e resistimos com ética na busca da arte, com diz Ana Mae Barbosa:

A potencialidade cultural dos museus é enorme, se aqueles que nele trabalham deixarem de querer de querer artificialmente instituir em pré-especialidade científica cada área operacional do museu e passarem a entender que no museu temos uma colagem de diferentes áreas do conhecimento (design, história da arte, comunicação, artes gráficas, educação, química, física etc). É a operacionalidade conjunta que confere pós-especialidade museal a estas áreas (Barbosa, 2012: 140).

Quando não há estes acessos, buscamos saídas e criamos os nossos museus com as nossas imagens. A esperança está na garantia da liberdade de trabalho. Quando nos faltam recursos, potencializamos formas de tornar algo abstrato em palpável.

“A arte deve ser a base da educação” (Read, 2013: 01). E nem é o fim da educação. Como definido por Hebert Read, com simplicidade única. Podemos nutrir nossas ideais sobre o que a arte é capaz de produzir na educação. Quando percebemos limitações, o alfabetismo visual oportuniza ampliação de vocabulário.

O alfabetismo visual jamais poderá ser um sistema tão lógico e preciso quanto a linguagem. As linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e codificar informações. Sua estrutura, portanto, tem uma lógica que o alfabetismo visual é incapaz de alcançar. (Dondis, 2003: 19-20).

2. Memorial prático e reflexivo

Nos meses de março e abril de 2015, os alunos forma convidados a percepção dos elementos visuais (ponto, a linha, a forma, a cor e a textura) para além arte e para o cotidiano, perceberam e compreenderam ampliando a bagagem cultural:

Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas (Brasil, 1997: 39).

A percepção dos elementos, caminho para as atividades, por meio dedutivo, perceberam que a linha advém do encontro de um ponto a outro sucessivamente, chegando a linha e depois a forma (Figura 1 e Figura 2).



Figura 1 · Síntese das aulas: Ponto, linha e Juan Miró, março de 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

Figura 2 · Síntese das aulas: Ponto, linha e Juan Miró, março de 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

Figura 3 · Desenho com barbante e a oficina de gravuras, abril, 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

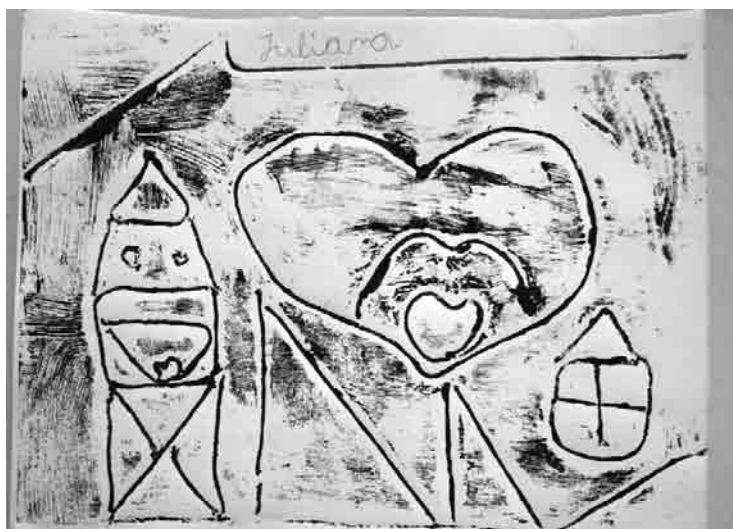
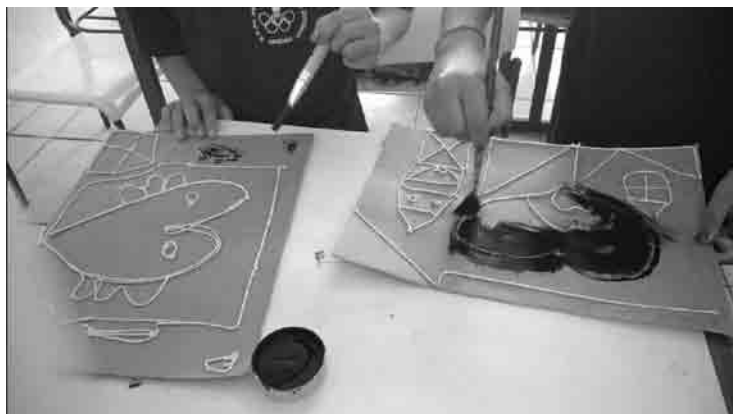


Figura 4 - Desenho com barbante e a oficina de gravuras, abril, 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

Figura 5 - Desenho com barbante e a oficina de gravuras, abril, 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

A construção ativa do saber dá-se pelo aprendido e assimilado. Na aula posterior os alunos apreciaram obras do Juan Miró e identificaram com espanto a maneira particular do artista com afeto acharam fossem feitas por outras crianças.

Escutar as crianças e suas ideias nos permite conhecer o mundo por caminho certo. Os alunos foram convidados a interagir com um longo cordão. Manipularam a linha/barbante dando formas as imagens (utensílios domésticos, animais, flores, frutos e animais e do universo encantado da criança como coração, nuvem e castelos). A intensão da atividade foi lidar com a coordenação motora fina e reflexos da psicomotricidade, mesmo com dificuldade em dobrar, girar, torcer, e dar forma. Desenhar com a linha/barbante trouxe resistência, mas relação com as obras de Juan Miró.

Desenhar livremente com a linha/barbante foi um grande desafio para a turma, deixaram de lado impaciência e assegurou a expressividade. Quando colocados a pensar e a tomar decisões no fazer artístico, estrategicamente organizamos e permitimos a reflexão estética.

A resistência deu lugar ao interesse em criar os trabalhos com segurança e liberdade. Aos poucos perceberam a oportunidade aprender de maneira e autonomia ao ampliar saberes sobre o universo da arte. Sobre a questão a querida professora Fayga Ostrower expressa:

O que aqui chamamos de “pensar específico sobre um fazer concreto” vai além da ideia de uma tarefa a ser executada porque exequível. Os pensamentos e as conjecturas abrangem eventuais significados. Trata-se de formas significativas em vários planos, tanto ao evidenciarem viabilidades novas da matéria em questão, quando pelo que as viabilidades contêm de expressivo, e, ainda, porque através da maneira assim configurada o conteúdo expressivo se torna passível de comunicação (Ostrower, 2013: 33).

A linha/barbante foi o fio condutor na condução da ação criadora dos alunos e oportunizou uma aprendizagem descontraída e prazerosa (Figura 3, Figura 4 e Figura 5). Ao agir com liberdade e estimados perceberam a si, do outro e a arte.

Na terceira aula a linha / barbante teve outro uso. Os alunos desenharam com cola branca em papel de alta gramatura e fixaram-na nos desenhos. Indagaram o porquê em fazer aquilo e não viam diferenças em desenhar com lápis ou linha/barbante. Inconformados com ação do desenho argumentamos que o papel seria uma matriz e que após gravariam seus registros em diferentes superfícies, papéis e cores.

Com a técnica da gravura em matriz de papelão e barbante puderam observar a riqueza de imagens próximas as xilogravuras da literatura de cordel.

Aprenderam mais uma técnica de criação e impressões em papel ficaram

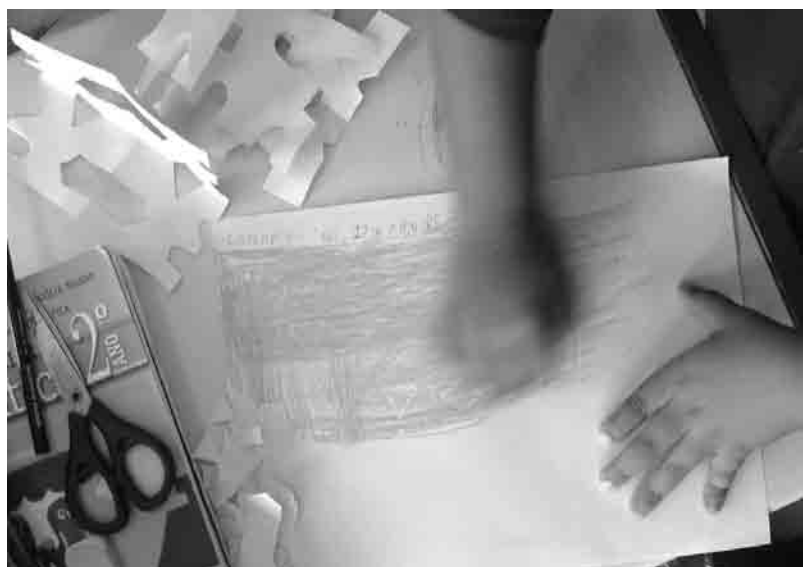


Figura 6 · Síntese das texturas, março, 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

Figura 7 · Síntese das texturas, março, 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.





Figura 8 · Apreciando e produção a partir das obras de Franz Marc, abril de 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

expostas e os alunos demonstraram orgulho em suas obras. Ainda agitados, ruidosos e com dificuldades de relacionamento. Não seguem regras de convivência e nem trazem o material básico como lápis grafite, borracha, tesoura e cola. Habitua-se a pegar o que é alheio. Por vezes temos que resolver conflitos que comprometem a aprendizagem escolar. Enfim, cada dia é uma luta cheia de desafios e surpresas.

Ao terminarem as impressões mostravam orgulhosos e colocaram na parede para todos verem. Entusiasmados com a aula anterior os alunos foram convidados a tatear inúmeras superfícies e perceber diferentes texturas. Deduziram que ao friccionar as superfícies com folha de papel e giz de cera capturavam as texturas diversas. Ao explorar diferentes superfícies os alunos exploraram também o entrono (Figura 6 e Figura 7) e perceberam que o conhecimento está em todos os lugares.

Os decalques permitiram aos alunos repensar sobre as atividades anteriores e aos poucos conheceram e reconheceram os elementos visuais de maneira experimental, ampliando o léxico e a comunicaram-se de maneira seguras e claras.

Na aula posterior convidamos a leitura do livro: “O artista que pintou o cavalo de azul”, de Eric Carl. (Figura 8), uma homenagem ao artista Franz Marc (expressionismo alemão) de gestos e cores vibrantes que enriquecem o universo infantil.

Durante a leitura perceberam peculiaridades nos animais representados. Ao questionar o fato perceberam que as imagens do livro e as reproduções das obras as cores eram intensas. O coelho rosa, a raposa roxa, o leão verde e o



Figura 9 · Apreciando e produção a partir das obras de Franz Marc, abril de 2015, Carapicuíba — São Paulo, Fonte: própria.

Figura 10 · Produção pictórica e apresentação digital do livro "ZOOM", abril de 2015, Fonte: própria.

cavalo azul eram engraçados e incomuns, mas aos poucos perceberam a liberdade expressiva que legitimou Franz Marc em sua poética.

As cores das obras mobilizaram os alunos ávidos a pintar e realizaram diferentes obras e ficaram instigados as misturas das cores (Figura 9).

Após a feitura das obras os alunos dialogaram sobre seus resultados e ficaram motivados ao lidar com as cores. Durante a ação os alunos disseram algo destoante sobre o receio em usar sobre o material disponibilizado pelo governo estadual, pois a tinta guache recebida era de 15 ml (miligramas) e já estavam acabando. Dizemos que nas aulas posteriores reporíamos e poderiam usar e abusar da criatividade.

Assustados ou não, agimos com o coração e acreditamos que a educação é a mola propulsora na vida dos sujeitos. A arte não salva nada e ninguém, mas liberta para consciência! Transforma cidadãos conscientes sobre o passado, que mudam o presente e que buscam um futuro repleto de boas oportunidades!

Na última etapa os alunos retomaram tudo que haviam apreendido durante as aulas anteriores e relembram questões sobre os pontos, as linhas, as formas, as cores e as texturas num só trabalho.

Se no início demonstraram irritabilidade, conseguiram no processo realizar seus trabalhos tranquilamente e estimulados e logo perdiam suas obras na parede. Na última etapa orgulhosos com os resultados e no final foram convidados a ler digitalmente “ZOOM”, o livro do autor Istvan Banyai (Figura 10), obra com trajetória visual incrível do micro para o macro. Puderam vibrar ao enxergar cores, pontos, linhas e formas e penetrar nas imagens organizadas pelo artista, que para a turma parecia que “a visão das coisas aumentava”.

O processo e a percepção final dos elementos visuais e seus usos trouxeram foco e repertório. O comportamento arredio inicial e resistência deram lugar ao comportamento mais diretivo e interessados pela aprendizagem significativa.

Encaramos o nosso ofício preocupados e buscamos acertar sempre, mas ainda ficamos receosos com problemas e dinâmicas sociais que temos que enfrentar. Resgatar o sujeito e possibilitar o existir para além da realidade. Criamos oportunidade por meio da imaginação, dos desejos e dos sonhos.

Conclusão

Do o início da sequência didática até o desfecho percebemos mudanças urgentes que 2º Ano precisava. Ocorre a coletividade pela clareza didática. Como também a garantia ampliação da bagagem cultural individual e coletiva e a percepção de si, do outro, do lugar e da arte.

Portanto vivenciamos a arte e sua possibilidade por meio da função educativa experimental, criadora e criativa que visa a progressiva continuidade do conhecimento e da importância da arte como área potente capaz de impulsionar processos poderosos no sujeito.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2012) *A imagem no ensino da aula de arte: anos 1980 e novos tempos*. 8º ed. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 978-85-273-0047-6.
- Brasil. (1997) Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: CDU: 371.214.
- Banyai, Istvan (1995) *ZOOM*. Brasil: Brinque Book. RINQUE BOOK ISBN: 85-853-573-63
- Dondis, Donis A. (2003) *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, Maurice (1994) *Fenomenologia da percepção*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. ISBN:85-336-2292-7.
- Ostrower, Fayga (2013) *Criatividade e processos de criação*. 29º ed. Petrópolis: Vozes. ISBN 978-85-326-0553-5.